

Segundo interrompido por guilhotina¹

Second Interrupted by Guillotine

Haroldo Lima*

O que sobra da experiência? – é o que pergunta o leitor. Auto-ficção, desdobramentos em código binário ou apenas dualidades embaralhadas, auto-orquestradas, apesar das reminiscências da vontade. O leitor tem que se perguntar. E não faz mal, o leitor não está errado. As lacunas ainda são extensas e as cercas que dividem os significantes na literatura de alguns dos autores brasileiros que estrearam nos anos 2000 ainda são translúcidas, deformam e maquiam, mas não deixam desaparecer os campos abertos. Por isso esperamos com tanta ansiedade pelo sucessor de *O Colecionador de Segundos*, livro premiado pela Lei Rubem Braga em 2002 e lançado pela editora carioca 7Letras, em 2003, um acelerar da trajetória literária de Mara Coradello. Porque sua escrita ainda não deixa claro suficiente se

¹ LIMA, Haroldo. Segundo interrompido por guilhotina. *graciano*, Vitória, ano 1, n. 3, p. 12-13, ago. 2010. Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples/files/2023/04/Graciano-n.-3.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2023.

* Doutorando em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo (USP).

podemos julgá-la. *O Colecionador* traz textos iniciais, uma mistura de maturidade e adolescência que se permite escorrer pelas bordas que aquele tempo, seu momento permitia. Daí o erotismo: “dilatação dos corpos pelo calor, produção de aquecimento natural pelo constante exercício de ir e vir, entrando e gingando como num balé sagrado aos laticínios e marcas multinacionais de bebidas lácteas”; e passagens de lirismo juvenil – “quando você passa por uma ponte temerária, quem o recebe com carinho na chegada é vítima da paixão, se for de seu sexo favorito, jovem e bonito, aí é amor mesmo”, ambas do conto “Laticínios”. Ornados por arabescos e acepipes, os contos de Mara trazem em comum o capricho na escolha das palavras, que em alguns momentos deformam o sentido prosaico que as declarações e confidências evidenciam e a conjunção de passagens que transitam pelo sabor de vazio que o não dito traz, o que em todos os momentos não se traduz em boas saídas, pois esperamos mais palavras, outras explicações ou simplesmente algo que dê concretude ao que acabamos de ler. Não pelo inacabado do texto, mas pela imaturidade literária que algumas construções de Mara deixam transparecer. E é um erro ver nestas características um problema em *O Colecionador*. Apesar de irregular, seus textos inventariam toda a gama de qualidades que os autores que estão fazendo a nova literatura brasileira compartilham. É admirável perceber em Mara a sintonia com que os questionamentos de seus textos se assimilam com a de escritores que uma mesma maré trouxe. A proximidade de seu texto com a escrita originada na blogosfera – que revelou com mais sucesso Giannettis e Cuencas, talvez pela proximidade com nichos ou talvez, infelizmente, pela perspicácia produtiva dos dois últimos – deixa a margem semelhanças que a literatura produzida no Espírito Santo ainda não esclareceu – porque pelo menos na prosa por aqui ainda não há um movimento consolidado e a poesia traz um quê da solidão dos vãos de Casé. Os contos de Mara são intimistas e fogem da perspectiva social, o que está presente ao menos em segundo plano na obra de Giannetti e Cuenca, mas não fogem da auto-investigação e de buscas por conexões ainda não estabelecidas com eu, o outro, e, sobretudo, a participação coletiva em um projeto só. Os três, se olhados em conjunto, ainda tentam entender, desvendar de que forma suplantar o peso de carregar sozinho um todo, quando se é só uma parte no

mundo ao nosso redor. Além disso, é de se admirar o cinismo e a ironia de sua escrita, algo que Miss Averbuck, por exemplo, faz soar um tanto machista quando tenta emancipar seu feminino. Só para citar Clarah mais uma vez, tenho que dizer: Mara sim tem bolas, e pode se orgulhar delas. Há um hiato na produção de Mara em ficção. Em sete anos, seu único lançamento foi *Armazém dos afetos* (resenha na página tal desta edição de Graciano), lançado no último ano pela Edufes: uma compilação de suas melhores crônicas publicadas em A GAZETA que foi recolhida pela editora sem uma boa explicação. Além do romance *De amor e naftalinas*, no prelo desde o ano passado e que aguardamos com ardor. Talvez, com o lançamento deste último, algumas nuances vislumbradas em *O Colecionador de Segundos* fiquem mais evidentes e concretizem a promessa que Mara viveu no começo da década. O que aos poucos para alguns tem se consumado com algum sucesso de crítica, ver Carola Saavedra, e para outros arrefecido, como o sangue que uma hora deixa de jorrar após a precisão do corte da guilhotina.



Capa da revista *graciano* e páginas da resenha de Haroldo Lima.



Fonte: www.fotolog.com/maricorabêto

8

SEGUNDO INTERROMPIDO POR GUILHOTINA
POR HAROLD LIMA

O que sobra da experiência? – é o que pergunta o leitor. Auto-ficção, desdobramentos em código binário ou apenas dualidades embaalhadas, auto-organizadas, apesar das reminiscências da vontade. O leitor tem que se perguntar. E não faz mal, o leitor não está errado. As lacunas ainda são extensas e as cenas que dividem os significantes na literatura de alguns dos autores brasileiros que estrearam nos anos 2000 ainda são transiçôas, diformam e maquiagem, mas não deixam desaparecer os campos abertos.

Por isso esperamos com tanta ansiedade pelo sucessor de *O Colecionador de Segundos*, livro premiado pela Lei Rubem Braga em 2002 e lançado pela editora carioca 7Letras, em 2003, um acelerar da trajetória literária de Mara Coradello.

Porque sua escrita ainda não deixa claro suficiente se podemos julgá-la. *O Colecionador* traz textos iniciais, uma mistura de maturidade e adolescência que se permite escurer pelas bordas que aquele tempo, seu momento germinal. Daí o erotismo: “dilatação dos corpos pelo calor produção de aquecimento natural pelo constante exercício de ir e vic, entrando e girando como num balé sagrado aos laticínios e marcas multinacionais de bebidas lícticas”, e passagens de lirismo juvenil – “quando você passa por uma ponte temerária, quem o recebe com carinho na chegada é vítima da paixão, se for de seu sexo favorito, jovem e bonito, aí é amor mesmo”, ambas do conto *Laticínios*.

Ornados por arabescos e acepipes, os contos de Mara trazem em comum o capricho na escolha das palavras, que em alguns momentos deformam o sentido prosaico que as declarações e confidências evidenciam e a conjugação de passagens que transitam pelo labor de vazio que o não dito traz, o que em todos os momentos não se traduz em boas saídas, pois esperamos mais palavras, outras explicações ou simplesmente algo que dê concreção ao que acabamos de ler. Não pelo inacabado do texto, mas pela imaturidade literária que algumas construções de Mara deixam transparecer.

E é um erro ver nestas características um problema em *O Colecionador*. Apesar de irregular, seus textos inventariam toda a gama de qualidades que os autores que estão fazendo a nova literatura brasileira compartilham. É admirável perceber em Mara a sintonia com que os questionamentos de seus textos se assimilam com a de escritores que uma mesma maré trouxe. A proximidade de seu texto com a escrita originada na blogosfera – que revelou com mais sucesso Giannetti e Cuencas, talvez pela proximidade com nichos ou talvez, infelizmente, pela penosidade produzida dos dois últimos – deixa a margem semelhanças que a literatura produzida no Espírito Santo ainda não esclareceu – porque pelo menos na prosa por aqui ainda não há um movimento consolidado e a poesia traz um quê de solidão dos vãos de Casé.

Os contos de Mara são intimistas e fogem da perspectiva social, o que está presente ao menos em segundo plano na obra de Giannetti e Cuencas, mas não fazem da auto-investigação e de buscas por conexões ainda não estabelecidas com eu, o outro, e, sobretudo, a participação coletiva em um projeto só. Os três, se olhados em conjunto, ainda tentam entender, desvendando de que forma suplantam o peso de carregar sozinho um todo, quando se é só uma parte no mundo ao nosso redor. Além disso, é de se admirar o cinismo e a ironia de sua escrita, algo que Miss Averbuck, por exemplo, faz soar um tanto machista quando tenta emanar seu feminismo. Só para citar Clarah mais uma vez, tenho que dizer: Mara sim tem bolas, e pode se orgulhar delas. Há um hiato na produção de Mara em ficção. Em sete anos, seu único lançamento foi *Armações* de Afetos (resenha na página tal desta edição de *Graciano*), lançado no último ano pela Edufpe: uma compilação de suas melhores crônicas publicadas em A GAZETA que foi recolhida pela editora sem uma boa explicação. Além do romance *De Amor e Natifalinos*, no prelo desde o ano passado e que aguardamos com ardor.

Talvez, com o lançamento deste último, algu-

mas nuances vislumbradas em *O Colecionador de Segundos* ficam mais evidentes e concretizam a promessa que Mara viveu no começo da década. O que aos poucos para alguns tem se consumado com algum sucesso de crítica, ver Carola Saavedra, e para outros arreifeado, como o sangue que uma hora deixa de jorrar após a precisão do corte da guilhotina.